



## COERÊNCIA IMAGÉTICO-TEXTUAL NO GÊNERO QUADRINHOS?

Prof. Dr. Jack Brandão<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/0770952659162153>

Prof<sup>a</sup> Vanessa da Silva Alves<sup>2</sup>

<http://lattes.cnpq.br/9798574749656657>

67

**RESUMO** – Este artigo objetiva o estudo analítico das linguagens verbal e não verbal presentes nas histórias em quadrinhos (tiras), com o intuito de verificar como a união das duas linguagens presentes no gênero é eficiente enquanto mecanismo auxiliador no processo de compreensão da mensagem transmitida. Enfatiza-se ainda a importância da parceria autor-leitor e de outros elementos como essenciais para que a leitura do (con)texto aconteça, enfatizando-se a força do texto não verbal nesse processo. Esta investigação está alicerçada nos pressupostos teóricos da Linguística Textual e, em especial, do conceito de coerência, utilizando-se da leitura e análise de tiras elucidativas da personagem Mafalda, criação do cartunista argentino Quino, nos anos 60.

**PALAVRAS-CHAVE** – coerência; linguística textual; linguagem verbal; linguagem não verbal; história em quadrinhos.

**ABSTRACT** – This article aims the analytical study of verbal and nonverbal language presents in comics, in intention to examine how the union of both languages in this gender is efficient as a facilitator way in transmitted message comprehension process. Emphasize the significance the author-reader relationship and other important essential elements to the (con)text reading happens, in focus on nonverbal text power. This research is based on theoretical assumption of textual linguistics and, in a special way, in the coherence concept, using Reading and analysis on some Mafalda character's comics as examples of creation of Argentinian cartoonist Quino, in sixties.

<sup>1</sup> Jack Brandão é escritor, poeta, mestre e doutor em Literatura alemã pela Universidade de São Paulo (USP), além de docente no mestrado da Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP).

<sup>2</sup> Vanessa da Silva Alves é mestranda em Ciências Humanas na Universidade de Santo Amaro (UNISA/SP) e professora na rede pública de São Paulo.



**KEYWORDS** – coherence; text linguistics; verbal language; nonverbal language; comics.

[...] é na linguagem e pela linguagem  
que o homem se constitui como sujeito.  
(Benveniste)

### Introdução

A partir dos estudos realizados na área da Linguística Textual, buscaremos demonstrar, neste artigo, como a união das linguagens verbal e não verbal contribuem para os processos de composição e estabelecimento da coerência textual, tendo como *corpus* tiras do cartunista argentino Joaquín Salvador Lavado ou, simplesmente Quino, reunidas na obra de sua mais famosa personagem, Mafalda e produzidas ao longo de nove anos (entre 1964 e 1973), resultando 1928 tiras, divulgadas em três meios de publicação: *Primeira Plana*, *El Mundo* e *Siete Días Ilustrados*.

68

Mafalda, contrariando as expectativas depositadas sobre uma criança de sua idade, age como um adulto culto, crítico e pessimista em relação ao mundo em que vive. Questionadora dos principais problemas e injustiças de ordem política, econômica e, principalmente, social, retrata a vivência da classe média argentina em pleno regime ditatorial de forma singular: seus pensamentos complexos e contestadores, mesclados com ironia, humor e leveza, garante à personagem certa universalidade, possibilitando que possa ser lida por diferentes públicos.

Pretende-se, a partir dessa personagem, aprofundar os conhecimentos discursivos do gênero história em quadrinhos – HQ, daqui por diante –, tendo por base sua linguagem mista, em que se imiscuem elementos visuais e verbais. Além disso, objetiva-se verificar o papel e a intenção do autor – enquanto emissor que transmite uma mensagem – em relação ao leitor – seu receptor –, verificando dessa maneira, a presença ou a ausência de elementos de coerência textual que contribuem para a construção do significado textual.



Para se atingirem os objetivos propostos, este artigo foi dividido em três partes: a primeira é uma apresentação da noção de texto e coerência, em que se ressalta sua importância na promoção do entendimento e envolvimento do leitor em relação às tiras, de acordo com os pressupostos da Linguística Textual. A segunda retrata as principais características das linguagens verbal e visual na promoção da coerência. Por fim, a terceira é composta por uma análise de cada elemento mantenedor da coerência textual, com tiras elucidativas sobre o mecanismo mencionado, em que se relacionarão os textos verbal e não verbal. Para tanto, considerar-se-á o fato de que essas linguagens podem ser autônomas e, na mesma medida, interdependentes entre si.

### Os mecanismos da coerência e a composição lógica do texto

A partir dos estudos desenvolvidos nos anos 60, na Alemanha, a Linguística Textual surge com a intenção de apresentar os princípios de constituição do texto; e, para realizar essa função, consideram-se os mecanismos de **coesão** e **coerência** como elementos fundamentais de toda composição textual.

69

Na essência dos estudos linguísticos, tem-se o texto como objeto central da discussão. Até que, em meados dos anos 70, com o surgimento da linguística textual, foi incorporada à noção de texto a importância do contexto em que foi produzido, lido e interpretado. Assim, o texto torna-se significativo à medida que a comunicação entre os agentes autor e leitor, por intermédio da composição textual se efetiva, resultando na tríade interacional autor-texto-leitor. Dessa forma, entende-se que a leitura bem-sucedida acontece quando são também considerados fatores externos ao texto, que o permeiam. A esse respeito, Koch e Elias (2013: 10) afirmam:

O sentido de um texto é construído na interação textos-sujeitos e não algo que preexista a essa interação. A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.



Posto que a comunicação humana também pode acontecer por meio de textos – dotados de sentido, contexto e intencionalidade – há sentenças que só podem ser compreendidas dentro de um todo significativo, inseridos no próprio texto. Assim, todo discurso se manifesta por esse meio, a ponto de qualquer passagem oral ou escrita, independentemente de sua extensão, resultar nessa unidade significativa.

Sabe-se que, para um texto ser compreendido em sua totalidade, é necessária a presença de dois elementos fundamentais que mantêm seus fatores característicos e garantem-lhe sentido: a **coesão** e a **coerência**. Aquela é a responsável por manter a fluidez, o encadeamento de ideias, a sequência lógica entre as situações/ações dentro do texto e ocorre em um nível microtextual – conexão da superfície do texto – (Fávero, 2009); esta serve de ligação entre as palavras, garantindo-lhes o sentido e “caracteriza-se como o nível de conexão conceitual e estruturação do sentido, manifestado, em grande parte, macrotextualmente” (*ibidem*: 59).

Tendo em vista que a coesão, juntamente com a coerência, constituem dois elementos importantes da textualidade, ficará aqui expresso a existência e a relevância dos fatores coesivos, ainda que o foco aqui expresso não recaia sobre os mesmos, mas sobre a coerência, bem como a seus desdobramentos.

Assim, entende-se coerência como elemento manifestado na frase num nível macrotextual, e que se trata da maneira segundo a qual o texto e seu conteúdo sejam acessíveis e relevantes ao seu interlocutor. Seus fatores são os que dão conta do processamento cognitivo do texto e permitem uma análise mais profunda do mesmo; caso contrário, o mesmo é considerado incoerente. Por isso que Siqueira (1990) afirma ser a unidade do texto composta por um agrupamento de diversas partes que, quando articuladas, formam um todo. Assim, a falta de uma delas compromete o sentido da mensagem que se pretende transmitir; logo, o texto necessita “apresentar inteireza, completude” (SIQUEIRA, 1990: 12) para apresentar-se coerente.

Pode-se afirmar então que a coerência é o mecanismo responsável pela composição lógica do texto, permitindo seu entendimento por meio da continuidade de



seus elementos. Dessa maneira, garante seu sentido, pois é vista como um princípio de interpretabilidade e de “boa formação”, que não se assemelha

à noção de gramaticalidade usada no nível da frase, sendo mais ligada, talvez, a uma boa formação em termos da interlocução comunicativa. Portanto, a coerência é algo que se estabelece na interação, na interlocução, numa situação comunicativa entre dois usuários. (KOCH. TRAVAGLIA, 2008: 11-12)

Dessa maneira, é o processo que relaciona o texto e o leitor, numa determinada situação comunicativa, garantindo a interação conversacional. Assim, um discurso é coerente quando atende às expectativas dos envolvidos no ato conversacional: emissor/autor e receptor/leitor, que detém postura ativa na produção do entendimento, sempre que ambos possuam conhecimentos, intenções e expectativas semelhantes ou que se complementem.

O emissor, por seu lado, tende a preocupar-se em adequar seu discurso, a fim de fazer-se entender por seu interlocutor, a partir da imagem que possui deste, podendo deixar clara sua intenção comunicativa, ou não, optando pela forma de discurso implícito.

### **A linguagem mista presente nas HQs**

A linguagem mista colabora para que o conceito de texto, no gênero em estudo, seja entendido enquanto unidade significativa, isto é, enquanto uma unidade linguística concreta, utilizada pelos usuários da língua numa situação de interação comunicativa específica, e também como o conjunto dos elementos visuais que, aliados aos elementos verbais, formam uma função comunicativa reconhecível. (KOCH. TRAVAGLIA, 2003)

Sabe-se que apenas a compreensão dos elementos linguísticos pode não ser suficiente para que o leitor/receptor capte a real intenção do emissor e compreenda sua mensagem de forma coerente; isso porque, para que se efetive de forma satisfatória a comunicação, dependerá, em grande parte, do leitor e de seu papel como intérprete, cujo



conhecimento de mundo, bagagem cultural e acervo de experiências vividas devem ser considerados.

Wolfgang Iser (1999), por exemplo, afirma que “a formação da coerência é a base necessária para todos os atos de apreensão. Ela se realiza através de atividades de agrupamento que cabem ao leitor.” (ISER, 1999: 40) Há, além disso, a situação em que o texto foi produzido, bem como o grau de domínio, por parte de seu emissor, de seus elementos linguísticos, com os quais se torna possível, ou não, sua compreensão verbal, bem como a percepção dos recursos visuais dos elementos icônicos que o compõem.

A ideia das HQs é compreendida, particularmente, pelo acionamento das duas linguagens distintas que a compõe: a **imagem** e o **texto**; para que aconteça o entendimento, portanto, ambas as linguagens agem conjuntamente e é isso o que a diferencia dos demais gêneros. Eisner (1989: 7-8) menciona a familiaridade com que o leitor trata a linguagem dos quadrinhos, pois a “experiência visual” é um elemento “comum ao criador e ao público”. Por esse motivo, o leitor atual possui “uma compreensão fácil da mistura imagem-palavra”, além é claro, “da tradicional decodificação do texto”.

72

A partir da conexão entre dois ou mais quadros, a fim de se construir uma sequência, transmite-se uma mensagem; sugere-se, dessa forma, a ação da história. Para atingir tal objetivo, o autor, que não conta com movimento, som e dimensão, precisa insinuar essas sensações contando com o envolvimento do leitor, que precisa interpretar e coparticipar da ação, como se estivesse interagindo como o produtor da história.

Embora as HQs transmitam grande parte de seu enredo por meio da linguagem não verbal – há histórias que utilizam apenas esta linguagem e conseguem cumprir seu propósito comunicativo –, a linguagem verbal pode ser expressa de três formas distintas: a) por meio de balões que representam fala, pensamento, grito, cochicho, entre muitos outros; b) por meio de legendas ou letreiros, fazendo uso de um narrador ou elemento exterior; e c) de onomatopeias, ou seja, vocábulos gráfico-visuais que representam os sons.



Muitas vezes, as HQs assumem certo tipo de letra que adquirem expressividades diferentes no contexto sugerido pelo texto. Assim, ocorre uma hibridização de signos verbais escritos e signos visuais. Estes agregam signos de três ordens: **icônica** (representação de seres ou objetos reconhecíveis), **plástica** (caso da textura e da cor) e de **contorno** (a borda ou linha que envolve as imagens). Essa gama de recursos fica muito evidente nos quadrinhos e é fartamente utilizada por essa linguagem.

No uso simultâneo dos signos verbal e visual, em que palavra é lida como imagem, consegue-se uma transmissão mais fiel de um som, um sentimento, ou um impacto. Eisner (1986: 10) afirma: “o letreiramento, tratado ‘graficamente’ e a serviço da história, funciona como uma extensão da imagem.”

Na tira a seguir, a mãe de Mafalda tenta, timidamente, convencer a menina a diminuir as horas em frente à televisão. O trato com o signo verbal no segundo quadro evidencia o desconforto da mãe ao abordar o assunto, visto que a fonte diminui gradativamente:

73



Ao ler o segundo quadro, o leitor fica com a impressão de diminuição no tom de voz da mãe, à medida que o tamanho da letra também diminui. No último quadro, outro recurso visual que colabora com o verbal, atribuindo a ele outro sentido é o uso do recurso de negrito. Nele, entende-se que a mãe enfatizou o termo em destaque enquanto acaricia a cabeça, visivelmente confusa de Mafalda.

Em contrapartida, a linguagem não verbal compreende diversos fatores que, por vezes, passam despercebidos ao leitor, entre eles a diagramação, o enquadramento e a caracterização das personagens, e não apenas o desenho e a composição do cenário em si. Detentora de grande parte do significado da história, o autor utiliza por vezes a



linguagem não verbal para substituir a verbal dentro dos limites do balão como se pode observar no exemplo a seguir:



Nessa tira, o segundo, o terceiro, o quarto e o sexto quadrinhos são utilizados como recurso imagéticos que correspondem ao diálogo estabelecido entre os personagens Mafalda e Filipe, substituindo o texto verbal presente no primeiro e no quinto quadrinhos.

Aqui, o papel do leitor enquanto decifrador da mensagem é extremamente importante, visto que a tira possui uma imiscuição entre as duas linguagens. Entretanto, não é difícil estabelecer seu sentido, uma vez que se observa um enredo linear claramente definido pelas imagens.

Assim, ao fazer a substituição do texto verbal pelo visual, a personagem Filipe consegue transmitir sua intenção, utilizando o contexto como elemento facilitador da interpretação necessária. Isso se justifica pelo fato de que o sentido nas HQs não se restringe apenas a nível semântico (pelo significado das palavras e/ou enunciados), mas abrange também o nível sintático (a relação das palavras e das orações), bem como pela associação de palavras e imagens. Logo, a coerência dentro desta tipologia textual não é uma característica própria do texto não verbal, mas da interação entre aquele que produz o texto e aquele que deseja compreender o sentido deste.

### Os fatores de coerência presentes nas HQs

Para que se estabeleça, a coerência depende de uma série de fatores. Primeiramente, ocorre a partir da relação autor-texto-leitor, mas também depende, de





fatores externos ao texto, utilizados pelo autor, que devem ser entendidos pelo leitor. Além disso, três conceitos são básicos para que a leitura e o entendimento do texto sejam instituídos: o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo e o conhecimento partilhado, todos atuam enquanto conhecimento prévio, auxiliares no processo de compreensão do texto.

O conhecimento linguístico é, majoritariamente, o domínio da estrutura gramatical que sustenta a língua, isto é, diz respeito ao bom domínio do idioma empregado na composição do texto (decodificação do código linguístico), bem como de suas regras de organização no nível da frase. Muitos estudiosos acreditam na importância dos elementos linguísticos para o estabelecimento da coerência, porém é um equívoco pensar que somente as palavras e o conteúdo gramatical são suficientes para que se compreenda o sentido de uma mensagem.

A título de exemplo, tem-se a tira a seguir:



No segundo e terceiro quadros, nos quais Mafalda imita um japonês, a menina puxa os olhos e diz palavras isoladas no idioma, sem um encadeamento lógico e coeso entre as palavras, representando de forma estereotipada, um japonês. Com esse comportamento, Mafalda assusta uma senhora que está passando pela calçada. Esta, diante do arroubo da menina, foge assustada, conforme é possível ver no penúltimo quadro. A garota, desolada, passa a refletir sobre a questão da possível compreensão maior entre Ocidente e Oriente.

O leitor que não possui conhecimento da tradução das palavras, consegue decodificar, mas não é capaz de atribuir significado para aquelas palavras porque estão num idioma estranho ao seu; entretanto, algumas palavras como *kimono* e *karatê* – para



ficar apenas em dois exemplos -, são utilizadas em outros idiomas, logo, entendidos pela maioria dos leitores. A importância da imagem nesses quadros é ainda maior, pois o texto imagético sustenta o entendimento quando o texto verbal deixa uma lacuna como essa.

Assim como o conhecimento linguístico, o conhecimento de mundo ou conhecimento enciclopédico possui fundamental papel no processo de construção da coerência, uma vez que representa a construção de um mundo textual, ao qual se ligam crenças sobre mundos possíveis na concepção dos usuários, passando pelo modo como o receptor vê o texto e o influenciará a tê-lo como coerente ou incoerente (KOCH, TRAVAGLIA, 2008); isto é, mostra-se como um aglomerado de experiências vividas arquivadas em nossa memória.

Esse é um recurso bastante utilizado na produção de textos. Os autores fazem referência a lugares, pessoas, obras ou acontecimentos históricos que, constando no acervo iconofotológico do público. (AUTOR, xxxx), buscam estabelecer diálogo com aquilo que é mencionado com o que está gravado nesse mesmo acervo.

76

O conhecimento de mundo é parte fundamental na compreensão de um texto, pois, ao se deparar com uma imagem ou termo desconhecido, o leitor não consegue inferir significado, ou acaba inserindo outro em seu lugar, podendo modificar o que pretendia, originalmente, o autor. Por isso, é de extrema importância que esse conhecimento seja ativado para que o texto se torne coerente, de acordo com as expectativas do leitor. A seguir, um exemplo em que o conhecimento de mundo é importante para a garantia – ou não – da coerência:





Nessa tira, Mafalda cita Hitchcock, famoso cineasta inglês, conhecido, internacionalmente, pelos filmes de suspense produzidos a partir da década de 40. Comparando os três primeiros quadros, percebe-se o suspense e o drama na fala repetida e na expressão corporal da menina. Até que ela mesma para e nota na passagem do quarto para o quinto quadro que exagerou no suspense em seu comentário, e relembra os trabalhos do famoso Hitchcock.

O terceiro e último conhecimento necessário para o estabelecimento da coerência é o conhecimento partilhado. Nele, os agentes autor e leitor devem possuir certo grau de similaridade, a fim de que a interação entre os agentes no processo de comunicação aconteça. Para isso:

é necessário que haja uma vinculação entre as pessoas do discurso para que possa haver a comunicação, ou seja, se o emissor transmite uma mensagem a um receptor sem que este possa decodificá-la, aborta-se o entendimento, visto que a palavra/objeto não está **amarrada** a seu referente como no índice, com o qual está fisicamente conectado. (AUTOR, xxxx: xxx)

77

---

Esse item é o principal responsável pelo grau de informatividade do texto, isto é, ele controla a quantidade de informações novas, isto é, ainda desconhecidas, inseridos no mesmo. Uma vez que se possui mais conhecimento sobre determinado assunto, ou ainda, quanto mais familiar aquela informação for a quem a lê, menor será seu grau de informatividade; o contrário também é válido de ser afirmado.

Então, para que compreenda o real sentido de um enunciado, o leitor deve dominar o assunto abordado pelo autor, a fim de que haja o compartilhamento do conhecimento. Se isto não ocorre, o efeito desejado não é atingido. E isso vale tanto para a palavra quanto para a imagem:

Para se compreender uma mensagem, é necessário que os dois elementos da comunicação — o emissor e o receptor — possuam, evidentemente, um código comum, para que se possam estabelecer relações mínimas de compreensão. Isso não é válido somente ao se fazer uso da linguagem verbal, mas também para toda comunicação humana, seja por meio de gestos, sinais, olhares ou imagens. (*ibidem*: 186-187)



Na tira a seguir, a leitura da imagem do balão de pensamento, e dos carneiros pulando a cerca, indicam que Mafalda está pegando no sono. A contagem de carneiros é comum em crianças na idade de Mafalda: acredita-se que acelera o processo da sonolência. O carneiro enquanto símbolo, bem como a onomatopeia “zzzz”, são conceitos já formados na mente das pessoas; e, por essa similaridade no conhecimento do autor ao empregá-la, e do leitor ao interpretá-la, efetiva o uso do conhecimento compartilhado no estabelecimento da coerência, sem perda de sentido. A seguir, a tira:



Assim, ao escrever sobre determinado assunto, o autor possui um leitor ideal, que será aquele capaz não só de decodificar, mas que seja capaz de interpretar, uma vez que ambos os sujeitos envolvidos nessa relação devem compartilhar, isto é, ter em comum, o mesmo conhecimento sobre determinado assunto. É importante lembrar, porém, que o texto não é lido apenas por leitores de perfis semelhantes: fatores sociais, políticos, econômicos, regionais alterarão a interpretação da leitura. Além desses, idade, sexo, gênero e a época em que o leitor entrou em contato com o texto permitirão a ele uma interação diferenciada, de acordo com as experiências e vivências de cada leitor.

Além dos conhecimentos linguísticos, de mundo e compartilhado mencionados anteriormente, Beaugrande e Dressler (1983) elencam sete fatores de textualidade, também responsáveis e indispensáveis na promoção da leitura coerente. Esses foram dispostos em dois grupos distintos: a) os mecanismos de coesão e coerência, fatores semântico-formais que permanecem no nível conceitual e linguístico do texto; b) intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade



que integram o segundo grupo e se estabelecem enquanto fatores pragmáticos, isto é, que se fazem presentes no contexto sociocomunicativo que permeia o texto, sendo que, dentre esses, os princípios de intencionalidade e de aceitabilidade são os de maior importância, pelo menos no processo interacional.

O fator de intencionalidade corresponde à expectativa do produtor do texto em elaborá-lo de forma coesa e coerente e é considerado o primeiro elemento numa escala de importância no discurso. Nele, autor e leitor devem possuir a mesma vontade de estabelecer uma comunicação eficiente, que possa ser capaz de satisfazer os objetivos de ambos os interlocutores.

Por meio do princípio de cooperação, autor e leitor atuam como parceiros do ato comunicativo. Assim, o leitor sempre procurará construir uma imagem coerente do todo e não se restringe a ler apenas o verbal ou observar o visual, expressos isoladamente.

Ao elaborar seu texto, o autor tem uma intenção que pode ser indicada de modo explícito ou implícito, de acordo com o efeito que deseja produzir: seja comover, persuadir, impressionar ou provocar reflexão; o efeito pretendido pelo autor pode se concretizar na interação texto-leitor ou no próprio decorrer da história.

79

Na tira abaixo, pode-se observar o processo de intencionalidade comunicativa, no enredo da narrativa:



Mafalda é convencida por sua mãe a obedecer-lhe, pegando o pulôver jogado. Para isso, a menina que parece irredutível quando afirma ser presidente, acata a ordem recebida, já que sua mãe disse ser o Banco Mundial, o Clube de Paris e o FMI; instituições às quais os presidentes, muitas vezes, consideram-se subalternos.



O segundo mecanismo em destaque é o da aceitabilidade. Este, é o processo que complementa a cooperação no ato comunicativo. Assim, ao aceitar uma determinada expressão linguística, o leitor coopera com o autor para que este alcance seus objetivos.

O autor, ao produzir seu texto sempre tem intenções subentendidas; ele permite ao leitor possibilidades distintas de interpretação e assim, há, entre ambos, a produção e a construção de sentidos, desde que o leitor considere relevante a seus interesses aceitar o termo ou conteúdo. A esse respeito, Ponte (2007: 50) afirma ser “necessário, portanto, que o produtor do texto, ou o enunciador, formule o texto de modo a ‘auxiliar’ o leitor, ou o enunciatário, a reconhecer a sua intenção”.

O fator de aceitabilidade pode ser observado na tira a seguir:



A tira, em que aparece Manolito tentando contornar um problema com uma cliente que o acusa de vender uma manteiga “rançosa”, mostra como a personagem tenta safar-se da situação ao trocar um termo – rançosa – por outro menos negativo que, no final das contas, quer dizer a mesma coisa, porém soa de forma mais agradável: “ascendência obsoleta”. Juntamente com o novo termo, acompanham as palavras do menino sua atitude de cheirar o produto, negar a acusação e com um gesto de giro com a mão disfarça o problema, trocando as palavras.

A postura de Manolito provoca uma reação de surpresa na cliente que, só é perceptível, por meio da linguagem não verbal, ou seja, na sua expressão facial. Para que o leitor estabeleça a coerência necessária para o entendimento desta tira, ele deve compartilhar o conhecimento do significado do segundo termo com o autor; caso contrário, a conexão do sentido estará perdida.



A situacionalidade, terceiro fator, é o conjunto de mecanismos que garantem relevância ao texto, considerando um contexto comunicativo composto por uma série de fatores exteriores a linguagem verbal que compõem a produção escrita. Exemplo disso são o momento histórico em que o texto foi elaborado, a posição social, cultural e política do autor, bem como do leitor. Tais fatores são decisivos para garantir a coerência ou incoerência de um texto.

Koch e Travaglia (2003) afirmam que a não-situacionalidade levou alguns especialistas a classificarem textos como incoerentes, entretanto, depois de terem-nos novamente analisados, verificou-se que esses textos, em uma dada situação específica, eram coerentes, pois todo texto deve ser analisado dentro de um contexto sociocomunicativo.

O leitor, ao se deparar com um texto, já idealiza uma série de possibilidades sobre o conteúdo com que terá contato. A esse respeito, Siqueira (1990) afirma que “um texto cria em nós uma expectativa inicial, relativa ao assunto que pretende abordar e que norteará toda a leitura.” É a partir desse elemento que o leitor permanece interessado na leitura, caso essa corresponda às suas expectativas iniciais, ou abandone-a, se a leitura lhe parecer estranha, com partes desconexas, não interligadas.

Com relação aos gêneros textuais, o processo de expectativa e realização ou frustração sobre o conteúdo lido também acontece. Os leitores de HQs, já esperam por surpresas e/ou conflitos e isso não gera estranhamento na leitura, pelo contrário: por ser uma característica dessa tipologia textual, não só é esperado, como é notado enquanto parte integrante da situação de comunicação. Já a ausência de determinadas características populares no gênero HQ, torna-o incoerente.

O fator de situacionalidade permite notar aparentes incoerências nas tiras cujo texto é, na verdade, coerente. Aparentes, porque quando se mostra sem sentido, ele se adequa à proposta do contexto comunicativo. Logo, a suposta incoerência se desfaz, provocando o riso ou a reflexão no leitor, na produção de efeito inesperado. A tira a seguir exemplifica o fator de situacionalidade:



Na história acima, a fala de Mafalda surpreende sua mãe – que ao usar avental, supõe-se estar limpando o local – que pede às crianças que não bagunçassem o local. A resposta da filha era de que estavam brincando de governo, portanto, que não fariam nada.

Assim, a partir dessa resposta, as crianças demonstram a ideia que se tem sobre os governantes em seus cargos: todos ociosos, descansando, sem “fazer absolutamente nada”. A linguagem imagética confirma a ideia de apatia frente às tarefas que os governantes têm a realizar, por meio da linguagem corporal no ato de se debruçar sobre a mesa (Mafalda), de apoiar a cabeça com ambos os braços, inclinando-se para trás e fechando os olhos (Filipe) ou de apoiar as pernas cruzadas sobre a mesa (Manolito).

Por se tratar de uma resposta não esperada, a mãe de Mafalda olha surpresa, ainda que mais distante da cena. O último quadro é o responsável pelo humor presente nessa tira, e isso se torna possível graças ao compartilhamento de mesma opinião entre as crianças e o leitor, quanto à função e atitudes dos nossos governantes.

Para Beaugrande e Dressler (1983), a situacionalidade ainda teria relação com a pertinência e a relevância de um texto com relação ao seu contexto. Em outras palavras, é importante que o texto produzido esteja adequado ao contexto em que será lido. Do contrário, ele se tornará incoerente.

O quarto fator responsável pelo estabelecimento da coerência é a informatividade. Ela resulta do esperado para um texto, ou não; diz respeito a seu grau de novidade. O texto previsível possui um grau inferior de informatividade; pois, o assunto será dominado ou parcialmente conhecido pelo leitor. Este, ao entrar em contato com o dado novo, terá um volume maior de informações para absorver, o que





caracteriza uma elevação no nível de informatividade, isto é, o texto trata de um assunto novo, do qual o receptor tem pouco ou nenhum conhecimento. O grau de informatividade é um índice decisivo para gerar interesse do leitor: à proporção que pode prender, pode igualmente causar a repulsa, a rejeição ao texto.



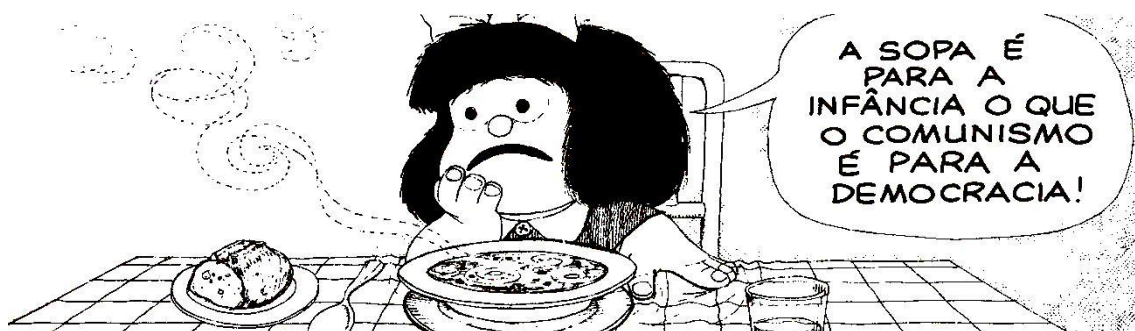
Nessa tira, Mafalda conversa com Filipe sobre o que conseguiu entender sobre “a confusão do Vietnã”. O grau de informatividade do relato de Mafalda assusta o amigo, que interrompe a leitura de sua revista para prestar atenção na fala da amiga. Assustado com o volume de informações novas, Filipe arregala os olhos e sai correndo assustado, como se pode perceber pelo texto verbal “Socorro!” e pelo recurso visual no aumento expressivo da letra.

83

A intertextualidade é o quinto e último elemento mantenedor da coerência textual. Tal conceito acontece quando, segundo Ponte (2007: 51), “um texto tem de fazer referência ou alusão a outros textos, ou até mesmo conter semelhanças e, assim, se imbricar com outros textos”.

A partir das semelhanças entre os textos relacionados na construção da intertextualidade, o leitor precisa reconhecer as similaridades entre os textos, bem como ter conhecimento deles.

Nas tiras de Quino nota-se o diálogo com conteúdos ou situações históricas. Ler suas tiras é inteirar-se da situação de muitos países da América Latina nos anos 60, apesar do enfoque recair sobre a Argentina, sua terra natal. Constantemente, cita crises, repressão, problemas sociais ou até mesmo regimes políticos, como são citados na tira a seguir:



Para que o leitor compreenda com clareza o sentido dessa tira, não é estritamente necessário saber os conceitos citados em sua completude, pois a linguagem não verbal, através do olhar, da expressão facial pouco entusiasmada com o prato de sopa e a mão apoiando a cabeça enquanto sinônimo de desânimo, demonstram claramente que a comparação foi de que sopa e infância não combinam; assim como o comunismo e a democracia. Na tira, Mafalda explicita sua visão de que a infância e o comunismo são perseguidos pelos seus pares opostos (sopa e comunismo).

Dessa forma, o leitor que não possui um conhecimento prévio sobre esses regimes governamentais e suas principais ideologias/intenções, terá dificuldade em compreender a analogia que o autor idealizou; obviamente, a conexão de sentido não será perdida, pois os fatores não verbais colaboram para sanar essa lacuna. Mas, se o leitor aciona esse conhecimento, a leitura torna-se muito mais significativa, visto que ele entenderá a real intenção do autor, compreendendo o contexto em sua totalidade.

Em concordância com os estudos de Beaugrande e Dressler (1983), Koch e Travaglia (2003) somam a esses fatores já mencionados, mais quatro. No grupo dos mecanismos de coerência, são adicionados os princípios de inferências, fatores pragmáticos, relevância e focalização.

Considerando os cinco elementos anteriores, o sexto diz respeito aos processos de inferências, que são obtidos por meio de estratégias cognitivas muito poderosas, que fazem a ligação entre os elementos linguísticos presentes na superfície textual e os conhecimentos de mundo e/ou partilhados que possuem grande parcela de responsabilidade na construção dos sentidos do texto.



O caráter lacunar das HQs permite ao leitor que busque fazer a leitura do que não está expresso verbalmente, por meio de implícitos e pela percepção dos efeitos de sentido desejados pelo autor, ou seja, a completa compreensão depende da captação das ideias subentendidas para que o leitor seja capaz de entender a mensagem transmitida.

Portanto, cabe ao leitor, responsável por descobrir todos os possíveis significados a partir de um texto, escolher uma de acordo com as posições política, social, econômica e pessoal que ocupa. Vejamos a tira a seguir:



Na tira acima, observamos que o leitor absorve a irônica mensagem do distanciamento social entre o pai de Mafalda e o homem que o aborda: este é médico e sobe num pedestal quando questionado sobre sua profissão, colocando-se numa posição tida socialmente como de alto grau de prestígio e admiração, contrapondo-se ao pai de Mafalda, quando este diz trabalhar numa companhia de seguros, levando-o ao constrangimento.

A coerência depende igualmente de fatores pragmáticos, sétimo elemento mencionado pelos autores. Os fatores pragmáticos dizem respeito aos fatores externos ao texto, mas que interferem neste diretamente. Como exemplo, podem ser mencionados o contexto de situação de produção e de interpretação, a intenção comunicativa do autor, as características, as crenças e o período histórico em que foi elaborado e propagado, entre outros.

Ao abordar temas de domínio comum, as tiras tratam de assuntos amplamente conhecidos pelo grande público, que permitem ao autor criar ou reconfigurar um comportamento, um conceito ou uma atitude de caráter comunitário. Ainda que haja



um consenso social sobre tal comportamento, conceito ou atitude, sejam eles corretos e aceitos socialmente ou não, sempre é possível um outro olhar, uma tentativa de reformulação, antes impensada, que provoca o humor quando o leitor a identifica.

Na tira abaixo, a fala final de Mafalda revela outra possibilidade de interpretar o significado da palavra “Congresso”:



Ao contrário dos pais, Mafalda não entende o teatro para crianças como seus pais. Cabisbaixa, reconhece o lugar onde há “bons atores” que fazem o espetáculo ser “muito divertido” como o Congresso, não o teatro infantil, como seus pais haviam previamente imaginado.

86

Essa diferença de definições para um mesmo conceito é responsável pelo humor na tira. Para o leitor, o texto exemplificador do casal é coerente enquanto descrição de um teatro infantil, até que Mafalda infere outra significação para o conceito, e assim, provoca a reflexão no leitor.

A relevância, oitavo fator necessário ao estabelecimento da coerência, é responsável pelo reconhecimento, avaliação e compreensão do conteúdo expresso no texto. O processo de relevância está atrelado à importância do texto para o leitor; isto é, um texto será passível de interpretação se este, por sua vez, possuir um tema que seja conhecido e tido como relevante pelo leitor. O princípio da relevância pode ser aplicado à tira a seguir:



Na tira, Mafalda demonstra grande preocupação com o mundo, que na visão dela, se encontra doente. Ao receber Filipe em sua casa, animado como se pode perceber pela saudação “Oi!” se comparada com a fonte das falas subsequentes, a garota pede silêncio em respeito ao fato de ter “um doente em casa”. O cuidado com quem está debilitado cresce à medida que se aproximam de um leito, no qual o globo terrestre repousa. Mafalda está sentada, cuidando de um mundo não-sadio. Essa tira é relevante para todos os leitores que, assim como a personagem, se importam com a saúde, isto é, com o bom desenvolvimento das ações e nações mundiais.

87

O nono e último item que assegura a coerência no texto é a focalização. Ele está diretamente relacionado ao conhecimento de mundo e ao partilhado, e responde também pelas várias hipóteses de leitura que o leitor e seu histórico (social, cultural, econômico, etc.) lhe permitem fazer de um texto. Logo, um médico não lerá um texto da mesma forma que um estudante, ou que um professor, ou que uma doméstica, ou que ainda um jogador de futebol.

Quando HQs são lidas, fatores como a diagramação da página, o contorno dos quadrinhos, o título da história, entre outros, preparam o leitor, acionando seu conhecimento de mundo a fim de gerar expectativas antes do início da leitura, sem que o leitor tenha ciência desse processo, ou seja, essa preparação para a leitura é intuitiva. O foco recai sobre alguns elementos da história, conforme a tira a seguir:



O primeiro quadrinho dessa história apresenta a mãe de Mafalda aos prantos por meio da união das linguagens verbal e não verbal presentes na onomatopeia “Buááá!”, no contorno do balão e na expressão corporal de levar a mão à cabeça e da boca aberta em sinal de desespero e descontentamento. No segundo quadrinho, a mulher ainda chora, e isso é possível de ser afirmado através do contorno do balão, da expressão “snif!” e do ato de esconder o rosto com as mãos.

Enfim, os fatores de textualidade são decisivos para que o leitor compreenda a mensagem pretendida pelo autor. Nesse sentido, cada um desses elementos possui sua importância, contribuindo para a realização da leitura significativa e sua ausência no texto, compromete o estabelecimento da coerência textual. Pontes (2007: 52) destaca que:

A textualização é um processo de mão dupla, isto é, o locutor, por seu lado, é um produtor de textos; e o interlocutor, por sua vez, faz o processamento cognitivo para ler e compreender textos. Portanto, é um modelo sociointeracional de comunicação.

De modo geral, a coerência garante que todos os elementos presentes nas histórias em quadrinhos estejam em harmonia: o texto verbal presente nos títulos, legendas, conteúdo do balão, entre outros; até o texto imagético representado no cenário, tamanho e formato dos quadros, e até destacando certas palavras, como as onomatopeias, por exemplo. Desse modo, ainda que surpreenda, causando riso ou reflexão, a leitura não gera estranhamento, uma vez que todos os fatores convergem para que se estabeleça a comunicação entre autor e leitor.



Quando as linguagens verbal e não-verbal atuam conjuntamente e conseguem a cooperação do leitor, que aciona seus conhecimentos prévios, domina o código linguístico, infere significados e relaciona a outras informações ou experiências, a leitura flui naturalmente, torna-se atrativa, envolvente e prazerosa para os mais variados públicos.

### **Considerações finais**

O principal propósito deste artigo foi apresentar um panorama geral da composição e da leitura das histórias em quadrinhos, bem como a evidente importância das HQs em sala de aula enquanto material didático; mas, sobretudo, como leitura de entretenimento na promoção da reflexão e do senso crítico dos indivíduos pertencentes a todas as faixas etárias.

Para tanto, sabe-se que a linguagem mista das HQs contribui de forma significativa para a composição do significado das tiras, agindo como elemento facilitador do entendimento ao unir as linguagens verbal e não verbal. E é exatamente isso que faz o gênero HQ ser tão bem aceito: trata-se de um gênero de fácil leitura e compreensão, curto, divertido, mas com propósitos, seja de crítica, seja de sátira, ou até mesmo instrutiva, por meio da comicidade e/ou ambiguidade, cuja significação é concebida quadro a quadro junto ao leitor e sua experiência de vida.

Assim, podemos entender que a coerência, enquanto princípio de interpretabilidade, decorrente de diversos fatores ocorre na interação produtor-leitor; é o fator que constrói a significação, a partir da relação texto-usuário. Portanto, fatores como a situação em que foi produzida, o contexto situacional e as intenções envolvidas nesse processo são fatores decisivos na determinação da coerência e do estabelecimento do sentido.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



BRANDÃO, Jack. **Apontamentos imagético-interdisciplinares**. Embu-Guaçu: Lumen et Virtus, 2014.

CIRNE, Moacy. **BUM! A explosão dos quadrinhos**. Petrópolis: Vozes, 1970.

COSTA, Maria da Graça Val. **Redação e Textualidade**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EISNER, Will. **Quadrinhos e arte sequencial**. São Paulo: Martins Fontes: 1986.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 2009.

KOCH, I. V. E TRAVAGLIA, L. C. **Texto e coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2003.

KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. **Ler e compreender**. São Paulo: Contexto, 2006.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. São Paulo: Contexto, 2000.

----- . **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999.

----- . **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2002.

90

IANNONE, Leila Rentroia e IANNONE, Roberto Antonio. **O mundo das histórias em quadrinhos**. São Paulo: Moderna, 1994.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LUYTEN, Sonia M. Bibe (org). **Histórias em quadrinhos: Leitura crítica**. São Paulo: Paulinas, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Ática, 2006.

MOYA, Álvaro. **Shazan!** São Paulo: Perspectiva, 1970.

PONTE, José Camelo. **Leitura: identidade e inserção social**. São Paulo: Paulus, 2007.

QUINO. **Toda Mafalda**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SIQUEIRA, João Hilton Sayeg. **O texto: movimentos de leitura, táticas de produção, critérios de avaliação**. São Paulo: Selinunte, 1990.

